

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1354 - 25/07/2016 a 31/07/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

PANORAMA AGROPECUÁRIO

○ DESAFIO DOS SUÍNOS

**DIA DO
AGRICULTOR**

Vamos comemorar
trabalhando!

GRÃOS

Seminários
revelam tendências

www.sistemafaep.org.br

No Dia do Agricultor deste ano, o que temos a comemorar?

Pelo ponto de vista da economia, estamos em um dos momentos mais difíceis da história do país. Embora haja um otimismo crescente em relação ao futuro, o presente é inflação alta, câmbio imprevisível, desemprego alto e um cenário internacional complexo, em especial depois da decisão britânica de deixar a União Europeia.

No lado político, a esperança impera – esperança de que as investigações lideradas pelo Ministério Público consigam limpar o país e de que o Brasil possa ter novamente um governo que administre para todos os cidadãos e não apenas para uma plateia de agraciados.

Resta-nos colocar a mão na massa. Ao contrário de outros setores, que contam com compensações e estímulos para compensar eventuais perdas, o agricultor depende apenas de si.

No Dia do Agricultor, comemoramos com trabalho, conforme diz o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette no artigo que começa na página ao lado.

Nesta edição, o leitor encontrará histórias de quem trabalha, como os suinocultores, que estão enfrentando um momento difícil, depois de uma fase bastante positiva, nos últimos cinco anos.

Tudo isso e muito mais! Boa leitura!

Dia do Agricultor _____	03
Suinocultura - Panorama Agropecuário _____	08
Suinocultura - Custos de Produção _____	12
Suinocultura - Impostos _____	17
História - Heróis Olímpicos _____	18
Seminário de Grãos _____	20
Agroquímicos _____	22
Fórum do Seguro Rural _____	24
Comissão de Cereais _____	25
Conseleite _____	26
Notas _____	27
Eventos Sindicais _____	28
Via Rápida _____	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná
Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR
Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo
Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pedese citar a fonte.

Fotos da edição 1354: Fernando Santos, Milton Doria e Giuliano Gomes, Portal Fotos Públicas, Divulgação, Arquivo FAEP

O dia de quem gera riquezas e alimenta o mundo

Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR



A única maneira de o agricultor comemorar o seu dia, 28 de julho, é com muito trabalho. Afinal, é a excelência do campo que movimenta 34% dos R\$ 376 bilhões do Produto Interno Bruto (PIB) do Paraná, de acordo com estimativa do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes). Os números do agronegócio paranaense – que registra crescimen-

to de 48,7% da área de lavouras, 163% da produção e 76,9% da produtividade média entre 1995 e 2013 – mostram a força deste setor para a economia do Estado e do Brasil. O que comprova que não podemos parar sequer um dia, nem no nosso dia.

Ao contrário: a pressão exercida pelo mercado e, principalmente, a necessidade de alimentar o mundo, recai cada vez mais, sobre os ombros de quem produz. Recente estudo divulgado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) mostra o Brasil como o maior produtor de soja do mundo nos próximos dez anos, superando os Estados Unidos. Como cumprir essa tarefa de produzir cada vez mais numa mesma área?

Com certeza, com investimento em pesquisa, genética, cultivares e, principalmente, capacitação. Não adianta os avanços tecnológico e científico se o produtor (e os trabalhadores que o cercam) não estiver preparado para colocar o conhecimento em prática no seu dia a dia.

Há mais de 20 anos, o SENAR-PR cumpre, com extrema eficiência, esse desafio de capacitar trabalhadores e produtores nos mais diversos temas voltados ao agronegócio. Atualmente, são 260 títulos de cursos de formação profissional e da promoção social que atendem os 399 municípios do Paraná.

Atento as transformações do setor, o SENAR-PR está traba-

lhando em um novo Plano Pedagógico Institucional (PPI), com foco na qualidade e no resultado. A proposta central deste processo é a construção dos Itinerários Formativos. Os cursos serão voltados especificamente para cada cadeia produtiva para que o aluno tenha uma formação completa na área em que atua.

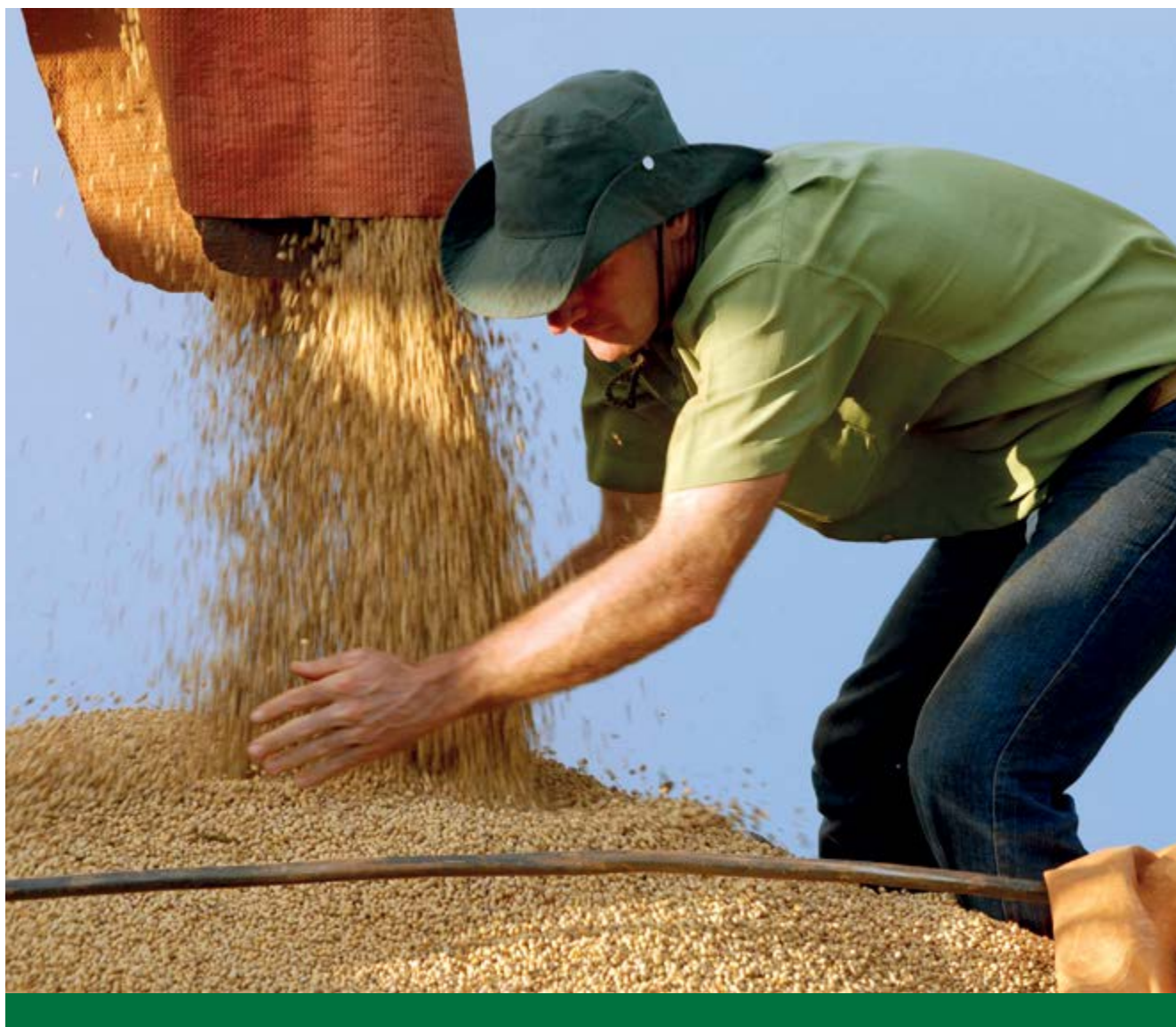
Essa reformulação no processo do SENAR-PR vai ao encontro da tendência mundial por mais alimentos. Neste cenário, o produtor não pode – e não vai – se eximir da responsabilidade. Mas precisa estar consciente de que os preços pagos pela produção não irão aumentar. Ou seja, com margem cada vez menor, é de extrema importância que o agricultor planeje a sua atividade e coloque na ponta do lápis seus custos para que essa matemática dê certo. Desta maneira, a propriedade rural continuará viável e o agronegócio responsável pelos constantes saldos positivos da balança comercial e compensando o déficit dos demais setores.

Como ocorre há décadas e continuará, o Sistema FAEP/SENAR-PR mantém a defesa do produtor, nas esferas estadual e nacional,

e as políticas de estímulo ao desenvolvimento com uma série de programas. O mais recente, ainda em desenvolvimento em parceria com a Secretaria da Agricultura, Ocepar e Fetaep, é o de recuperação de solo e água para evitar a perda de produtividade das propriedades.

Ainda neste campo da conservação do principal capital do produtor, a terra, novas tecnologias com ênfase na defesa do solo estão em curso na Rede Agro, ação criada dentro da FAEP, em parceria com as Secretarias de Tecnologia e da Agricultura do governo do Estado, e que envolve instituições de classes, órgãos de pesquisas e universidades para aproximar o meio acadêmico do produtor rural. Embora os trabalhos já tenham começado, os resultados da Rede serão registrados daqui alguns anos. E, com certeza, serão importantes para que o Paraná dê um novo salto de produtividade.

É assim que todos nós, produtores rurais, comemoramos o Dia do Agricultor. Temos orgulho do nosso trabalho que faz a diferença nas economias estadual e nacional e alimenta o Brasil e o mundo. E continuaremos assim, 365 dias do ano.



Agricultor 2.0

Longe de velhos estereótipos, produtor rural brasileiro assume visão empresarial, adepto a tecnologias e ligado aos fatos globais

Por Carlos Guimarães Filho



Jan Haasjes trouxe a ideia do injetor de biofertilizante líquido de uma viagem técnica à Alemanha

A imagem do famoso personagem Chico Bento, da Turma da Mônica, com estilo caipira, pés descalços, chapéu de palha, enxada nas costas e linguajar repleto de palavras com erro de português, engana os desavisados que ainda pensam ser este o “jeitão” do atual produtor rural brasileiro. Diante da pressão por produtividade imposta pelo mercado mundial, o agricultor moderno assume uma postura empresarial, adepto às novas tecnologias e totalmente antenado aos acontecimentos globais.

Nas últimas décadas, as transformações registradas no campo foram significativas. O agricultor, que comemora seu dia em 28 de julho, passou a olhar além da sua lavoura, percebendo que as informações e fatos registrados fora da porteira, até mesmo internacionais, fazem diferença no resultado final do planejamento da propriedade.

“Até a década de 50, os produtores agrícolas eram a imagem

do Jeca Tatu (personagem criado por Monteiro Lobato), de uma pessoa simples do interior, que não recebia informação, atrasada em relação ao meio urbano e que tudo dependia de Deus e do tempo. Esta pessoa foi se modernizando junto com o ciclo da industrialização e cadeias de produção”, destaca Eugênio Stefanelo, professor do MBA em Gestão do Agronegócio da Universidade Federal do Paraná (UFPR). “Hoje, um número cada vez menor explora a agropecuária de uma forma tradicional. A maioria tem um perfil que produz olhando o mercado, com informação e que adota tecnologias”, complementa.

Além do cotidiano nas lavouras, essas transformações são percebidas também em estudos sobre o setor. A 6ª edição da Pesquisa Comportamental e Hábitos de Mídia do Produtor Rural Brasileiro 2013/14, realizada quadrienalmente pela Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio (ABMR&A), comprova, em

números, essa mudança de perfil e hábitos no campo.

De acordo com o documento, o mais recente produzido pela entidade, 39% dos produtores têm acesso a internet, sendo que a maioria o faz por meio de computador desktop, crescimento de 9% em relação a pesquisa de 2008/09. Deste universo, 92% estão conectados a redes sociais. Esse grupo se mantém informado por meio de veículos de comunicação e redes sociais para acompanhar as tendências de mercado, novas técnicas e produtos desenvolvidos pelo e para o agronegócio.

“Recebo informações de mercado, commodities, preço, clima e safra no smartphone o tempo todo. Também acompanho a Bolsa de Chicago diariamente para um possível travamento de preço futuro. Hoje é muito difícil um produtor se virar sem o uso destas tecnologias”, afirma Ricardo de Aguiar Wolter, que administra uma propriedade em Carambeí e outra em Tibagi, nos Campos Gerais.

A transformação no campo é facilmente percebida no dia a dia de Wolter, que assumiu a gerência do negócio no lugar do avô Paulo Muller de Aguiar, hoje com 100 anos. Sem outros interessados na família, Wolter se preparou cursando dois MBA na área, cursos complementares e diversas viagens ao exterior, ao longo dos 25 anos que está na posição de gestor.

“Na época do meu avô, não interessava quanto a Argentina iria produzir de trigo, a Rússia de açúcar ou os Estados Unidos de milho. Hoje, o nosso planejamento é feito em cima de informações

como essas”, aponta o produtor.

Neste cenário dinâmico, independente do compromisso, reunião, monitoramento da lavoura ou viagens nacional ou internacional, Wolter está com seu smartphone, tablet e laptop a tiracolo, tanto para acompanhar os fatos mundiais como para coordenar a equipe. “Eu estou em contato permanente com o pessoal. Falo mais com os funcionários por aplicativo do que por telefone”, diz. “Independente de onde estou, o técnico manda uma foto da lavoura para avaliarmos ou de uma ordem de serviço que precisa ser aprovada. Isso agiliza bastante o processo”, acrescenta.

Bagagem internacional

Parte da renda adquirida no campo é revertida em investimento para acompanhar a modernização do negócio, seja na forma de cursos, maquinários ou viagens técnicas. A pesquisa da ABMR&A mostra que 24% dos produtores rurais estão inteirados com as novas tecnologias.

O produtor holandês Jan Haasjes, radicado há 45 anos no município de Carambeí, procura realizar uma viagem técnica internacional por ano, principalmente para a Europa e os Estados Unidos. “Sempre que vou para o

Sempre conectado, Ricardo Wolter acompanha as informações de mercado e mantém contato com sua equipe

exterior, volto com as malas cheias de ideias, pois o pessoal lá ainda está a nossa frente”, ressalta.

Na viagem técnica à Alemanha, em 2012, para visitar algumas propriedades, Haasjes conheceu uma máquina que transformou a agricultura na sua propriedade com 750 hectares destinados ao plantio de soja, milho, feijão e outras culturas de inverno, além de gerar economia de R\$ 400 mil/ano. O injetor de biofertilizante líquido, construído pela equipe do produtor, permite minimizar perdas de nutrientes por volatilização e também colabora para criar uma camada fértil mais espessa, ou seja, reduz significativamente a compra de adubo químico.

“Essa foi uma ideia importada. Existe uma evolução na agricultura, e precisamos acompanhar. E a tecnologia facilita esse processo”, diz.

Na ocasião da visita da equipe do Boletim Informativo da FAEP, a máquina estava emprestada a um vizinho. “O pessoal quer conhecer o sistema para verificar os resultados e, posteriormente, investir”, diz Haasjes, sem desgrudar os olhos do smartphone para acompanhar a previsão do tempo.

Desafio

As mudanças no campo, apesar de estarem em ebulição, ainda não são notadas por parcela significativa da sociedade urbana, que representa 86% da população nacional, contra apenas 14% da rural. Para as pessoas que vivem nos grandes centros, a imagem dos personagens Chico Bento e Jeca Tatu ainda está muito presente no imaginário.

“Lamentavelmente, a comunidade urbana não tem essa noção da transformação. As pessoas ainda tem uma imagem distorcida do que é o meio rural e a sua importância para a sociedade, tanto na produção de alimentos como na conservação do meio ambiente. O pessoal no campo tem televisão e água encanada em casa e acessa a internet”, pondera Stefanelo.

De acordo com a Pesquisa Comportamental e Hábitos de Mídia do Produtor Rural Brasileiro, 96% dos produtores assistem televisão, 36% leem revistas de interesse geral, 23% revistas voltadas ao setor agrícola, 34% jornais e 39% usam a internet.

“Falta fazer um marketing, pois esses estereótipos não existem mais. A realidade é completamente diferente. O mundo rural está conectado com o meio urbano. Não dá nem para fazer diferenciação”, ressalta o professor da Universidade Federal do Paraná.



Suinocultura na encruzilhada

Após recuperação da crise do início da década, atividade retorna a um momento instável, com alto custo de produção e baixa remuneração pelo animal terminado

Por Carlos Guimarães Filho



O produtor envolvido com a suinocultura está acostumado a viver o efeito “montanha russa”. A curva da atividade intercala períodos de baixas, com crises acentuadas, e altas, com aparente recuperação do quadro. Mesmo assim, nos últimos cinco anos, houve crescimento nacional do rebanho, da produção, do abate, do consumo interno e da importação.

Depois dos percalços do início da década, quando os embargos russo e argentino elevaram a oferta do produto no Brasil, deixando o mercado interno sobrecarregado, a suinocultura retomou a uma aparente estabilidade. Desde fevereiro, porém, um cenário de custos altos e baixa remuneração tem tirado o sorriso dos produtores. Segundo dados da Embrapa, o preço

por suíno vivo cresceu 7% no início de 2016 em relação ao mesmo período de 2012. O custo de produção, no entanto, aumentou 16,5% no mesmo período, considerando os valores deflacionados praticados no Estado (veja na página 12 o levantamento dos custos de produção da suinocultura, elaborado pelo corpo técnico da FAEP).

“A suinocultura está passando por grandes desafios. No momento, estamos atravessando uma crise muito grande. É a pior relação de troca de quilo de suíno vivo versus quilo de milho dos últimos anos”, sentencia Nordon Rodrigo Steptjuk, médico-veterinário da FAEP. Em maio de 2016, conforme informações da Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab),

foram 4,14 quilos de milho, utilizado na alimentação dos animais, por quilo de suíno vivo. É a mais baixa relação de troca dos últimos cinco anos.

“O momento é trágico, com uma situação complicada. Temos consciência que, em alguns meses, os produtores estão pagando para produzir”, diz o presidente da Associação Paranaense de Suinocultores (APS), Jacir José Dariva.

O produtor Reny Gerardi de Lima, com propriedades em Pato Branco, na região Sudoeste do Estado, onde realiza terminação, e Mariópolis, também no Sudoeste, onde tem matrizes, conhece bem os desafios da atividade. Envolvido com a suinocultura há 37 anos, Lima não aconselha o ingresso no ramo. E, para os que já estão, a sugestão é a profissionalização para reduzir ao máximo os riscos. “Pior impossível. O mercado internacional não é firme. A Rússia entra comprando depois sai. O mercado interno não tem consumo por causa dos 11 milhões de desempregados. A atividade está em risco”, lamenta Lima.

Apesar da grave crise nos últimos meses, a suinocultura tem a esperança de dias melhores daqui para a frente. Historicamente, os preços praticados no segundo semestre costumam ser maiores que os do primeiro. Os motivos são o inverno e as festas de final de ano, que colocam a atividade num ciclo positivo. Campanhas de estímulo também tentam alavancar o consumo da proteína. “Mas isso não é uma certeza. O preço da carne precisa subir bastante, pois a tendência é que as cotações dos grãos

também aumentem”, pondera Dariva, lembrando que o Dia do Suinocultor é comemorado no dia 24 de julho.

Seleção natural

O Paraná possui o terceiro rebanho de matrizes suínas tecnicizadas (265 mil) do país, atrás de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ainda, por aqui, 75% dos suinocultores são integrados e 25%, independentes, de acordo com dados do trabalho “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, desenvolvido por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR.

A fatia integrada deve aumentar significativamente no Estado nos próximos anos, em razão de questões de mercado. O sistema integrado gera ao produtor certa segurança, pois garante a compra da produção pelas indústrias.

“O suinocultor independente está fadado a sumir. Futuramente, precisa integrar ou fechar as portas”, aponta o produtor Reny Gerardi de Lima. “A cada ano a malha fica mais fina e a instabilidade gera uma seleção de produtores e empresas. O suinocultor é desafiado e a sua eficiência determina a sua sobrevivência”, complementa o técnico Nordon Steptjuk, da FAEP.

O Panorama de Mercado aponta que a maior parte dos suinocultores paranaenses (50%) possui entre 501 a 1 mil matrizes suínas e 45% contam com até 500 matrizes na propriedade.





Indústrias

A crise no campo também respinga do outro lado do balcão. Muitas indústrias que projetavam ampliar o abate estão tirando o pé do acelerador. É o caso da Alegria Foods, marca da Unidade Industrial de Carnes formada pelas cooperativas, todas da região dos Campos Gerais.

“Estamos vivendo um momento de alto custo de produção e mercado desaquecido. O consumo está muito baixo. Muitas empresas estão revendo os planos. Nós mesmos vamos desacelerar. A UPL (Unidade Produtora de Leitões) de Castrolanda, que seria para este ano, deixamos para o próximo”, conta o Fabrício Borges, gerente técnico de produção da Alegria Foods.

No segundo semestre do ano passado, a Frísia inaugurou a sua UPL, fruto de investimento de R\$ 40 milhões, com capacidade para alojar cinco mil matrizes e produzir 17 milhões de toneladas/ano para abastecer a Alegria.

A planta da JBS em Carambeí, reduziu a produção de alguns itens que registraram queda no consumo. “O volume de abate permanece. Estamos apenas direcionando a produção para aquilo que tem maior saída”, explica Francielmir Ortiz Machado, gerente agropecuário da JBS.

O plano de expansão da empresa no campo continua o mesmo. Com 135 mil posições para animais, a expectativa é ampliar a estrutura para 190 mil. Atualmente, a JBS conta com uma rede de 235 suinocultores integrados. “Não deixamos de fazer investimentos na estrutura no campo. Existe uma limitação nos projetos porque a liberação de valores no BNDES está travada. Mas a expansão continua”, garante Machado.

Confira o desempenho da suinocultura do Brasil nos últimos 5 anos

Rebanho (milhares de cabeça)



Abates (milhares de cabeças)



Produção (milhares de toneladas)



Consumo interno (milhares de toneladas)



Exportação (milhares de toneladas)



Fonte: Informa Economics, FNP.

Força na economia

A suinocultura ocupa a 6ª posição no ranking de Valor Bruto de Produção (VBP) do Paraná, com participação de 6,21% do total em 2014, conforme o estudo da FAEP. A atividade de corte atingiu R\$ 4,3 bilhões em 2014, crescimento de 2% na comparação com 2013.

A região Oeste do Estado foi responsável por 62,3% do VBP da suinocultura, seguida pelas regiões Centro, Sudoeste e Norte, com 16,4%, 9,2% e 6,8%, respectivamente. O município de Toledo possui o maior VBP da atividade no Estado, com R\$ 708 milhões que representam 16,6% do VBP da suinocultura. Na sequência, estão Marechal Cândido Rondon, Nova Santa Rosa e Entre Rios do Oeste, que representam 6,51%, 3,97% e 3%.

O produtor Marcos Pellizzaro faz parte desta força da região Oeste. Sua propriedade, em Toledo, engloba três sistemas produtivos: terminação, produção de leitões desmamados e produção de leitões até a saída da creche. São quase dois mil animais no processo de comodato com uma empresa da região.

“A suinocultura é um negócio de altos e baixos. Já fui independente, mas hoje sou integrado no sistema de comodato. A empresa entrega ração, vacinas e matrizes. Eu só preciso me preocupar em ser produtivo. Desta forma, tenho ganho certo”, ressalta Pellizzaro, há quase duas décadas na atividade. “Com essa segurança, tem gente incrementando o plantel, pois a empresa incentiva”, complementa.

O próprio Pellizzaro planeja novos investimentos para ampliar o plantel, apesar da crise do setor. O produtor de Toledo precisa realizar melhorias na estrutura por conta da necessidade de atender as questões de bem-estar animal e irá aproveitar para ampliar as instalações para receber mais animais.

“Nas granjas mais velhas, eu preciso fazer algumas adequações. Já aproveito e abro espaço para mais animais”, diz o produtor. “Dentro do sistema integrado, existe a defesa do produtor. O investimento vai se pagar”, acrescenta o presidente da APS.



Marcos Pellizzaro irá ampliar o plantel de animais

Brasil

A suinocultura brasileira tem registrado crescimento nos últimos anos. O rebanho aumentou 5,6% na comparação de 2015 com 2014, atingindo 40 milhões de cabeças. Com isso, os abates acompanharam e registraram alta de 5,7%. Cerca de 39 milhões de cabeças produziram 3,4 milhões de toneladas de carne, produção 7,5% superior a 2014.

Em 2015, o destino da produção brasileira de carne suína seguiu a tendência dos últimos anos. O mercado interno absorveu 85% de toda a carne suína produzida no país, o consumo per capita cresceu 2,72%, atingindo 15,1 quilos/habitante.

As exportações foram o destino de 15% da produção nacional. O país exportou 529 mil toneladas de carne suína, crescimento de 10% na relação com 2014, mas com os preços mais baixos. O valor médio da tonelada exportada foi US\$ 2.337, redução de 27% no comparativo com 2014.



Mundo

Em 2015, a produção mundial de carne suína atingiu 111 milhões de toneladas, crescimento de 0,8% em relação a 2014. A China é o maior produtor, com 56 milhões de toneladas, 50,6% da produção mundial de proteína. A União Europeia e Estados Unidos participaram com 20,6% e 10% da produção mundial da proteína, respectivamente. O Brasil teve a 4ª produção no mundo, com 3,4 milhões de toneladas (3,1%).

Custo de produção, o desafio atual

Número de sistemas produtivos com saldo positivo caiu em relação ao levantamento anterior, o que traz preocupações em relação ao futuro da atividade

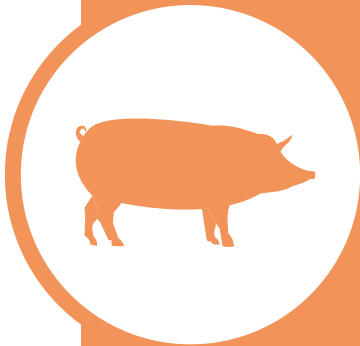
Por Nordon Rodrigo Steptjuk, médico-veterinário da FAEP



A eficiência na produção agropecuária é essencial para sobrevivência da atividade em longo prazo. Para isso é fundamental que o produtor rural conheça os dados que influenciam na produção. Dessa forma, fazer a gestão do custo de produção da atividade contribui nas negociações e decisões do empresário rural.

A FAEP realiza o levantamento do custo de produção da suinocultura no Paraná há oito anos. A metodologia é validada e reconhecida pelo setor. Na determinação dos índices zootécnicos e financeiros que compõem o custo participam suinocultores, técnicos das agroindústrias e cooperativas, representantes das empresas de equipamentos e representantes de instituições financeiras. Durante o último levantamento foram visitadas três regiões com expressiva produção de suínos no Estado, totalizando 14 sistemas produtivos estudados.

SISTEMAS PRODUTIVOS	REGIÕES		
	CAMPOS GERAIS	OESTE	SUDOESTE
UPD		X	X
CRECHEIRO		X	
UPL	X	X	X
CC	X	X	X
UPT	X	X	
COMODATO - UPL	X		X
COMODATO - UPD			X



Definições importantes

- **UPL** – Unidade de produção de leitões até a saída da creche;
- **UPD** – Unidade de produção de leitões até o desmame;
- **CRECHEIRO** – Unidade que recebe os leitões da UPD e cria até a terminação (UPT);
- **UPT** – Unidade que recebe os leitões de uma UPL ou Crecheiro e executa as fases de crescimento e terminação de suínos para o abate.
- **CICLO COMPLETO** – Unidade que executa todas as fases da criação, desde a produção de leitões até a terminação de suínos para o abate.
- **COMODATO** – Sistema de produção integrado onde a empresa integradora ou cooperativa fornece ao produtor integrado, sem custos, os animais, alimentação, produtos veterinários e assistência técnica. Neste sistema, o suinocultor fica fiel depositário de bens fornecidos pela

empresa, em especial matrizes e reprodutores, e deve cuidá-los e utilizá-los como se fossem de sua propriedade;

- **CUSTO VARIÁVEL** – Os custos variáveis são aqueles que variam de acordo com o nível de produção da atividade. São os desembolsos diretos do suinocultor. É o item de maior impacto na formação do custo de produção. São custos variáveis as despesas com alimentação, mão de obra, gastos veterinários, gastos com transporte, despesas com energia e combustíveis, despesas com manutenção e conservação, Funrural e despesas eventuais.
- **CUSTO OPERACIONAL** – São os custos variáveis somados as depreciações das instalações, equipamentos e cercas. A depreciação é a redução do valor do bem pela utilização, ou seja, valor necessário para a reposição deste bem ao fim da sua vida útil;
- **CUSTO TOTAL** – é a soma dos custos variáveis, do custo operacional e da remuneração sobre o capital investido em instalações, equipamentos, reprodutores e capital de giro. Nesse levantamento foi considerado o juro de poupança (6,0% a.a.)

Composição do custo de produção

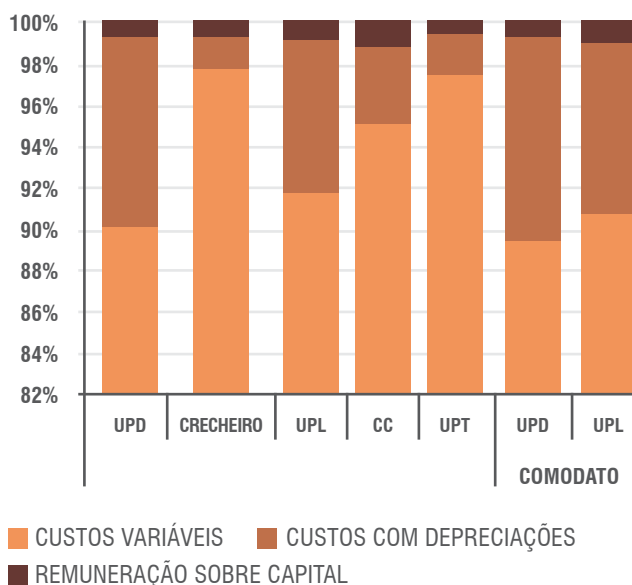
O custo de produção nos diferentes sistemas produtivos é influenciado pelos custos variáveis, que respondem por cerca de 90% do custo total. Na creche e na terminação essa participação chega a 97% do custo total, principalmente devido ao custo de aquisição dos leitões e despesas com alimentação, itens de grande peso nos desembolsos.

Na produção de leitões desmamados (UPD) em sistema de comodato, os custos variáveis participam com 89,3% do custo total, menor participação dos custos variáveis entre os sistemas produtivos. Isso ocorre porque na produção em comodato a empresa integradora ou cooperativa fornece todos os insumos necessários à produção.

Os custos com depreciações foram menores no Crecheiro, participando com apenas 1,5% do custo total, já nos sistemas de produção de leitões as depreciações exercem maior influência no custo final. Na UPD que trabalha em sistema de comodato, esse custo pode chegar a 10% do custo final.

A remuneração sobre o capital, que considera o capital investido em instalações, equipamentos, reprodutores e capital de giro, participa com cerca de 1% na determinação do custo total. Na UPT a remuneração sobre capital representa apenas 0,4% do custo de produção, enquanto no ciclo completo este valor representa 1,2%.

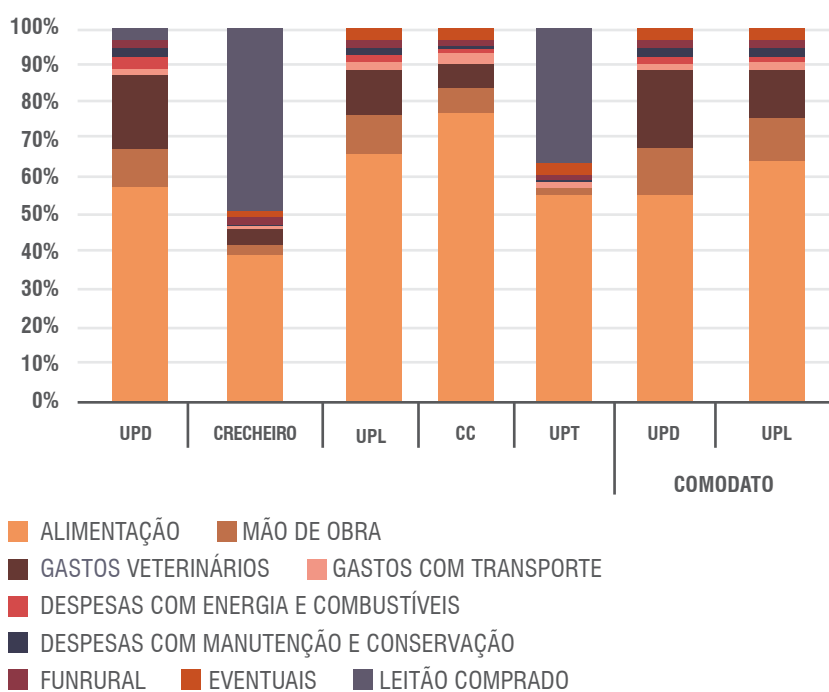
Composição do custo total nos sistemas produtivos da suinocultura



Fonte: DTE/FAEP, 2016



Composição do custo variável nos sistemas produtivos da suinocultura

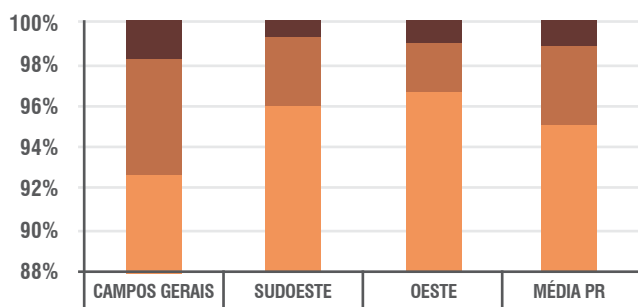


Fonte: DTE/FAEP, 2016

Os custos variáveis representam os desembolsos necessários para produção e manutenção da atividade. Na composição desses custos, a alimentação é o insumo de maior peso em seis dos sete sistemas produtivos avaliados. Na produção de leitões e no ciclo completo, as despesas com alimentação representam de 55% a 78% dos custos variáveis, seguido pelas despesas com mão de obra e gastos veterinários. Juntos, estes custos representam cerca de 80% dos custos variáveis na produção de leitões e no ciclo completo.

Nas unidades de terminação (UPT) os desembolsos de maior impacto são a alimentação e o custo de aquisição do leitão, que representam 35% dos custos variáveis. Na creche o custo de aquisição do leitão é o mais expressivo entre os sistemas produtivos, representa 50% dos custos variáveis, superior às despesas com alimentação. Juntos, as despesas com alimentação e custo de aquisição do leitão, representam cerca de 90% dos custos variáveis da creche e terminação.

Composição de custo de produção Ciclo completo



■ CUSTOS VARIÁVEIS
 ■ CUSTOS COM DEPRECIÇÕES
■ REMUNERAÇÃO SOBRE CAPITAL

Fonte: DTE/FAEP, 2016

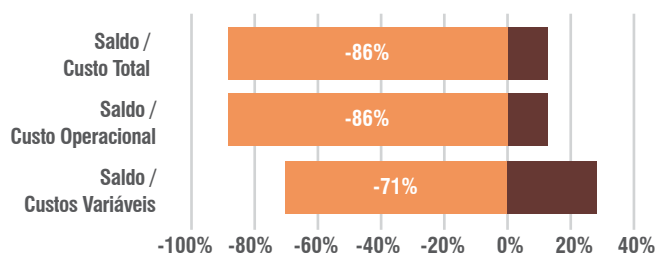
Resultados

Os resultados do levantamento do Custo de Produção confirmam a crise de rentabilidade enfrentada pela suinocultura no período. A maioria dos sistemas produtivos, 71%, apresentou saldo negativo sobre os custos variáveis. O saldo foi positivo apenas na produção de leitões (UPL) nos Campos Gerais e nos sistemas de comodato (UPL e UPD) nos Campos Gerais e região Sudoeste.

No comparativo com o levantamento anterior, realizado em novembro de 2015, houve grande redução na rentabilidade da suinocultura. O saldo sobre os custos variáveis eram positivos em 91% dos sistemas produtivos e o saldo sobre o custo total eram negativos em apenas 36% dos sistemas produtivos. Desde então, o preço pago pelo suíno vivo reduziu cerca de 20% no Estado, conforme dados da SEAB.

Distribuição do percentual de sistemas produtivos

Conforme resultados do levantamento dos custos de produção em abril de 2016



■ Sistemas Produtivos com Saldo Positivo
■ Sistemas Produtivos com Saldo Negativo

Fonte: DTE/FAEP, 2016

A produção de leitões (UPL) nos Campos Gerais apresentou saldo positivo sobre o custo total, que inclui os custos variáveis, custos com depreciações e remuneração sobre o capital, porém com margens extremamente ajustadas. Contribuíram para positivar o saldo a maior produção de leitões, animais mais pesados e o maior preço de venda no comparativo com as demais regiões. Na UPL dos Campos Gerais o número de leitões produzidos anualmente por matriz foi 17% superior, com peso de venda 9% superior e preço de venda 20,5% superior, no comparativo com as regiões Sudoeste e Oeste.

Nas regiões Oeste e Sudoeste, o saldo da UPL sobre os custos variáveis foi negativo, com isso a manutenção da atividade no curto prazo fica prejudicada, já que as receitas não cobrem as despesas com alimentação, mão de obra, gastos veterinários, etc.



No ciclo completo, todos os sistemas ficaram com saldo negativo sobre os custos variáveis. Desde o último levantamento, realizado em novembro de 2015, os custos variáveis subiram cerca de 10%. Neste período, a alimentação dos animais ficou mais cara, já que o preço do milho comercializado no estado subiu 50%, conforme dados da Seab. Com isso, o custo total subiu 10%, em média, no ciclo completo entre os levantamentos realizados.

A região Oeste apresentou o maior custo de produção no ciclo completo. No comparativo com a região Sudoeste, menor custo, o custo total foi 10% superior, influenciado pelo custo com alimentação, 13% superior e pelo número de suínos terminados por matriz 15% inferior a região dos Campos Gerais, que diminuiu diretamente as receitas.

A produção de leitões desmamados (UPD), recria de leitões

na creche (Crecheiro) e a terminação de suínos para abate (UPT) apresentaram saldo negativo em todas as regiões avaliadas. O custo de produção da UPD na região Sudoeste foi 10% superior a região Oeste. A UPT apresentou saldo negativo sobre os custos variáveis considerando a remuneração por quilo do suíno vivo, entretanto, quando a remuneração é por cabeça, a região Oeste apresenta saldo positivo sobre os custos variáveis, mas com margens bem ajustadas ao produtor. O suíno terminado nos Campos Gerais tem custo de produção 6,4% superior ao custo da região Oeste.

A produção de leitões desmamados (UPD) em sistema de comodato na região Sudoeste apresentou saldo positivo sobre o custo total, ou seja, as receitas cobrem os custos variáveis, as depreciações das instalações e equipamentos e remuneram o capital investido. O que demonstra a viabilidade da atividade no longo prazo.

Nas regiões Oeste e Sudoeste a produção de leitões (UPL) em sistema de comodato apresentou saldo positivo sobre os custos variáveis. Entretanto, o saldo sobre o custo operacional e custo total são negativos. Assim, as receitas recebidas custeiam a atividade no curto prazo, mas limitam a recuperação das instalações e equipamentos no médio e longo prazo.

O custo de produção total da UPL em sistema de comodato nos Campos Gerais foi 2% inferior à região Sudoeste. Influenciado pela produção anual de leitões por matriz 8% superior nos Campos Gerais. Entretanto, o custo com as depreciações nesta região foram 14,53% superiores a região Sudoeste.

Uma planilha para unificar os números do Sul

Na manhã de 14 de julho, representantes de entidades, federações e associações se reuniram na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, para definir as diretrizes de divulgação da metodologia que unifica os custos de produção na suinocultura no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Desde o início deste ano, os três Estados estão trabalhando sistematicamente no desenvolvimento dessa planilha para que tenham uma única plataforma para calcular os custos de produção. A ferramenta, desenvolvida pelo consultor da FAEP, Ademir Francisco Giroto, com o apoio da Embrapa Suínos e Aves e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), foi recentemente concluída. Agora, essas instituições estudam os principais meios e estratégias para que essa planilha - disponível para todos os sistemas de produção na suinocultura - chegue até o produtor rural.

“O três Estados defendem o mesmo interesse, entretanto, com metodologias diferentes. Essa planilha vai dar um novo rumo nas associações e entidades envolvidas na suinocultura”, observou o presidente da Associação Paranaense de Suinocultores do Paraná (APS), Jacir Dariva.

Segundo ele, com o uso da planilha o suinocultor vai ter uma nova visão sobre a sua atividade. “O produtor vai saber o quanto a mão de obra e alimentação, por exemplo, representam nos custos de produção”. Durante a reunião foi definido um cronograma para divulgar a planilha aos suinocultores da região Sul.



ICMS prorrogado até dezembro

Medida foi solicitada pela FAEP, como forma de suporte diante da crise enfrentada pelo setor



O governo do Estado do Paraná prorrogou a alíquota de 6% de ICMS no comércio estadual e interestadual de suínos vivos. Sem o decreto, o ICMS original cobrado é de 12%. A nova autorização, assinada pelo governador Beto Richa na terça-feira (19) e publicada no Diário Oficial do mesmo dia, vale até 31 de dezembro deste ano.

A continuidade da cobrança de 6% de ICMS ocorre num momento de severa crise na suinocultura paranaense. Com alto custo de produção e baixa remuneração pelo animal terminado, os produtores do Estado estão “pagando para trabalhar”, segundo o presidente da Associação Paranaense de Suinocultores (APS),

Jacir José Dariva. Segundo dados da Embrapa, o preço recebido pelo suíno vivo cresceu 7% no início de 2016 em relação ao mesmo período de 2012, enquanto o custo de produção aumentou 16,5% no mesmo período.

A solicitação da prorrogação surgiu nas reuniões da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP que encaminhou ofício ao governo do Estado solicitando a continuidade da medida de suporte diante da crise enfrentada pela suinocultura. Os representantes da cadeia produtiva da atividade estadual contabilizam algumas conquistas do setor para aliviar a crise, como a retirada do imposto para importação de milho, utilizado na alimentação dos animais, a isenção do ICMS da energia elétrica e a liberação de recursos do custeio para retenção de matrizes suínas.

“Não é a salvação para a crise, mas contribui para o escoamento da produção estadual. Essa medida favorece principalmente o mercado independente de produtores”, destaca Nordon Rodrigo Steptjuk, médico-veterinário da FAEP.

De acordo com o estudo “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, desenvolvido por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR, 75% dos suinocultores são integrados e 25%, independentes no Estado.

A cobrança de 6% de ICMS coloca o Paraná em pé de igualdade competitiva com outros Estados do país que cobram o mesmo valor, como Santa Catarina. Assim, o suíno paranaense consegue acessar mercados com valor semelhante. “Conseguimos acessar, por exemplo, São Paulo, maior mercado consumidor do país, competindo com o suíno catarinense”, reforça Steptjuk.

Heróis olímpicos

As histórias de superação e de esforço ligadas ao esporte costumam ser inspiração para muitas pessoas. E os Jogos Olímpicos são o palco de muitas dessas histórias. Verdadeiros heróis surgem nessas competições, e sua trajetória é lembrada com admiração décadas depois. Veja, abaixo, algumas dessas histórias – algumas bastante conhecidas, outras pouco comentadas hoje em dia, mas ainda assim surpreendentes.

Fanny Blankers-Koen



A velocista holandesa ficou conhecida como “a dona-de-casa voadora” pelo seu desempenho nos jogos de 1948, realizados em Londres. Quando chegou à capital britânica, poucos lhe davam muito crédito. A principal razão era a idade: aos 30 anos, ela já não estaria no auge da forma física. Ela havia competido em 1936, em Berlim – não ganhou nada, mas conseguiu um autógrafo de Jesse Owens, o americano que maravilhou o mundo e arrasou com seu corpo negro as teses de supremacia branca defendidas por Hitler. A guerra havia impedido a realização das competições de 1940 e 1944, o que empalideceu a carreira de muitos atletas como ela. Além disso, Fanny teve de treinar em segredo quando seu país estava ocupado pelos nazistas. Para complicar, ela já tinha tido dois filhos, que tinham à época 2 e 7 anos de idade. Alguns diziam que a maternidade poderia prejudicar o desempenho atlético, outros a condenavam dizendo que deveria ficar em casa cuidando das

crianças. A holandesa desafiou todos os preconceitos e ganhou quatro medalhas de ouro, nos 100 e 200 metros, nos 80 metros com barreiras e no revezamento 4x100. Em 1999, a Associação Internacional de Federações de Atletismo a escolheu como a atleta feminina do século.

Ray Ewry



Um dos grandes atletas das primeiras edições dos jogos, Ray Ewry dominou as competições de salto nos jogos de 1900, 1904 e 1908. Ganhou o ouro nas modalidades distância, altura e salto triplo em 1900 e 1904. Em 1908 não houve competição de salto triplo, mas Ewry venceu as outras duas modalidades. Só isso seria suficiente para garantir seu lugar em qualquer galeria dos grandes atletas da história, mas essa é apenas parte da sua trajetória. O atleta contraiu poliomielite em 1881, quando tinha 8 anos de idade, e usou cadeiras de rodas durante a infância. Os médicos diziam que Ray ficaria paralisado por toda a vida.

Mesmo assim, ele continuou tentando se exercitar, com o auxílio da família. Em 1889, já conseguia se locomover com muletas. No ano seguinte chegou à universidade e iniciou sua carreira atlética duplamente vitoriosa – contra os adversários e contra o pólio.

Aladár Gerevich



O húngaro Gerevich é apontado ainda hoje como um dos mais perfeitos esgrimistas da história. Obteve seis medalhas de ouro, nos jogos de 1932, 1936, 1948, 1952, 1956 e 1960. Antes dos jogos de 1960, o comitê olímpico de seu país avisou que não o selecionaria para os jogos de Roma, por considerá-lo velho demais – Gerevich completou 50 anos cinco meses antes da abertura das competições. O atleta, então, propôs uma forma simples de julgar se estava ou não apto: desafiou toda a equipe de sabre da Hungria para embates individuais. Derrotou a todos. Em Roma, perdeu a classificação para as finais por um único toque, mas ajudou a equipe a conquistar o ouro no sabre por equipes. Depois disso, aposentou-se de competições oficiais. Continuou treinando esgrimistas em Budapeste até os 81, quando veio a morrer.

Afrânio Costa

O primeiro herói olímpico do Brasil foi Afrânio Costa. O país fazia sua estreia nos jogos tardiamente, em 1920, na Antuérpia. Foi um excelente resultando para um novato: um ouro (para Guilherme Paraense, no tiro rápido individual), uma prata (a de Costa, na pistola livre individual) e um bronze (pistola livre por equipes), todos nas competições de tiro. A prata de Costa foi a primeira medalha olímpica do país, precedendo por um dia o ouro do tenente do Exército Guilherme Paraense.

Depois do sucesso olímpico, Afrânio Costa seguiu o caminho do Direito. Foi juiz, ministro do Tribunal Federal de Recursos e do Supremo Tribunal Federal, em Brasília. Chegou a ser presidente da mais alta corte do país por dois anos, entre junho de 1946 e junho de 1948.

Nadia Comaneci



A menina-prodígio da ginástica tem uma história e tanto. Descoberta pelo técnico romeno Bela Károlyi em sua escola, quando fazia “estrelinhas” no parquinho, Nadia chegou com 14 anos aos jogos de Montreal, em 1976. Já era conhecida de outras competições: no ano anterior, havia ganhado ouro em todas as modalidades do Mundial de ginástica, exceto no solo – nessa, ela ficou em segundo. Mas ninguém imaginava que ela faria história.

Depois de sua apresentação nas barras paralelas, o placar eletrônico do ginásio mostrou nota 1,00. Era um defeito. O mostrador só chegava até 9,99 – afinal, nunca nenhum ginasta havia conquistado um dez, a nota atingida pela romena naquela ocasião. Quando o locutor anunciou a nota real, o ginásio veio abaixo. Naquele ano, Nadia levaria para casa três ouros, uma prata e um bronze. Nos jogos de Moscou, em 80, mais dois ouros e duas pratas.

Mas a vida não era fácil na Romênia comunista. Depois que seus técnicos fugiram para os Estados Unidos, em 1981, ficou pior ainda. Seguida em todos os lugares pela polícia secreta do ditador Nicolae Ceausescu, ela pensou em suicídio. Finalmente, em 1989, aos 28 anos, ela abandonou a Romênia em uma fuga que durou dias, em pleno inverno, e inclui a travessia a vau de um lago gelado.

Cenários em mutação

Saída do Reino Unido da União Europeia foi um dos fatores que alteraram as perspectivas nas últimas semanas



Evento em Londrina reuniu mais de 70 produtores rurais e lideranças do agronegócio na região

Na semana passada teve início a série de Seminários Tendências de Mercado de Grãos, promovidos pela FAEP, em parceria com os sindicatos rurais. O primeiro evento foi realizado no auditório do Sindicato Rural de Cornélio Procópio, região Norte do Estado, e contou com a presença de 54 produtores e lideranças sindicais. Em Londrina, mais de 70 pessoas compareceram ao evento realizado no auditório Milton Alcover, da Sociedade Rural, às margens de BR-369. No encontro em Maringá, 130 agricultores estiveram no Parque de Exposição da Cidade. O último seminário da semana aconteceu em Campo Mourão com aproximadamente 100 participantes na Associação dos Engenheiros e Agrônomos.

Durante os seminários, o economista e analista Flávio França Junior avaliou o atual cenário das commodities agrícolas diante dos últimos acontecimentos no mercado internacional. Entre eles, a saída do Reino Unido da União do bloco de 28 países que atualmente formam a União Europeia, no último dia 23 de junho. Segundo ele, a decisão deixou o “mercado nervoso” e provocou quedas nos preços das mercadorias. O analista lembrou ainda que, com a saída dos

britânicos da UE, o valor do dólar disparou sobre praticamente todas as moedas do planeta, com exceção da japonesa, o iene. “Não tem como escapar de uma série de fatores que estão acontecendo no mercado internacional. Estamos testemunhando um retrocesso com a saída dos britânicos, o mundo andou para trás”, observou.

Quando se trata do câmbio, a taxa está mais acomodada nos últimos dois meses. França Junior explica que há dois grandes males no país: a inflação e a recessão. “O atual governo priorizou a inflação e uma das maneiras de combatê-la é com uma taxa de câmbio mais suave”. O analista acredita que o dólar não vai ultrapassar R\$ 4,00 e deve ficar entre R\$ 3,00 e R\$ 3,50. “Há dois meses, eu achava que esse valor seria de R\$ 3,50 a R\$ 4,00, mas mudei de avaliação devido à nova equipe de governo”, lembrou.

No que se refere ao mercado de soja, apesar de os preços terem registrado baixas nas últimas semanas, na opinião do analista eles devem seguir firmes no segundo semestre. “Acredito que não fiquem abaixo de US\$ 10 por bushel. Há suporte global para manter os atuais valores da oleaginosa, com estoques que indicam que

os preços continuarão altos”, destacou.

De acordo com ele, as perspectivas de uma grande safra vinda dos Estados Unidos ainda são o principal fator de pressão neste momento. Ao lado disso, a chegada de chuvas em alguns pontos do país. No entanto, duas frentes desse cenário disputam as atenções dos traders agora: as condições das lavouras norte-americanas e as novas previsões climáticas, segundo França Junior.

As últimas previsões indicam que, na próxima semana, o Meio-Oeste americano deverá receber uma forte onda de calor, com as temperaturas, que já são altas, podendo se aproximar dos 43°C. A incerteza, no entanto, se dá sobre a expectativa de essas condições serem tão ameaçadoras quanto se teme. “O mercado ainda está nervoso com os modelos climáticos mudando muito, por dias consecutivos, e sem consistência.”

Dessa forma, explica, até que a nova safra norte-americana esteja concluída, os preços em Chicago também não deverão ter um caminho bem definido. “O mês de agosto deverá ser o de maior atenção para o mercado, já que será determinante para as lavouras americanas. Daqui em diante, a comercialização da soja e do milho no Brasil deverá inspirar cautela, principalmente nos negócios com a safra 2016/17”.

No caso do milho, a sinalização não é muito animadora lá fora porque os estoques estão aumentando. Enquanto a soja tem um viés positivo e os estoques ajustados, o cereal apresenta um baixo viés no mercado internacional por causa da previsão de aumento de 7% nas lavouras americanas. De acordo com França Junior, os estoques serão menores no mercado interno até o final do ano devido às severas perdas provocadas pelo clima durante a safra de inverno. Mesmo com estoques baixos por aqui e devido ao aumento no consumo, na avaliação do analista, o mercado de milho deve sustentar o preço próximo dos US\$ 3,50 por bushel.



Em Maringá, 130 pessoas acompanharam a palestra



Encontro em Cornélio Procópio abriu a programação de seminários

Opinião

Veja o que os participantes estão achando do evento:

“O seminário traz a informação para que o produtor rural negocie a sua safra de grãos de forma correta.”

Florian José Leite Ribeiro, presidente do Sindicato Rural de Cornélio Procópio

“Esse evento trouxe o maior número de informações em relação ao mercado de grãos. Isso é fundamental para que o produtor rural obtenha sucesso na sua atividade.”

Jorge Sakamoto, presidente do Sindicato Rural de Cambará

“Nós, produtores rurais, precisamos desse tipo de conhecimento para termos melhores resultados na nossa atividade.”

Ciro Tadeu Alcantara, presidente do Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal

“Assim como ocorreu no ano passado, o evento trouxe muitas informações fundamentais para o produtor rural, principalmente, de estratégias de comercialização. Ele não deve apenas produzir, mas ser profissional na hora de vender o seu produto.”

Narciso Pissinati, presidente do Sindicato Rural de Londrina

“Com receio do La Niña, fechei contratos de milho a R\$ 27, mas os preços chegaram a R\$ 40. Por isso é importante participarmos destes eventos para termos mais informação, aproveitando o pico das safras.”

Marino Marson, produtor grãos de Cornélio Procópio

Novos critérios para multas

Portaria do IAP padronizou as penalizações para os produtores que entregam embalagens vazias de defensivos sem a correta lavagem



O Instituto Ambiental do Paraná (IAP) publicou no mês passado a Portaria nº 127/2016, que definiu novos critérios para as multas aplicadas aos produtores rurais que entregam embalagens de agroquímico de maneira incorreta. Para manter o nível de segurança, é necessário realizar a tríplex lavagem (veja o na página ao lado) das embalagens vazias antes de entregá-las nos postos de coleta.

Hoje o Brasil é campeão mundial na destinação correta das embalagens vazias de agroquímicos. Segundo o Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (Inpev), 94% das embalagens plásticas primárias (aquelas que entram em contato direto com o produto) são retiradas do campo e enviadas para a destinação ambientalmente correta. Entre 2002 e 2014 foram recolhidas 323.284 toneladas de embalagens vazias em todo país. Em 2015, segundo o IAP, o Paraná bateu o recorde de recolhimento de embalagens vazias de agroquímico com cerca de 6 mil toneladas do produto retiradas do campo.

De acordo com a nova portaria, os produtores que entregarem entre 1% e 6% das embalagens sem a correta lavagem receberão um

auto de infração de advertência. Quando o número de embalagens entregues fora do padrão ficar entre 6% e 15%, recebem multa de R\$ 500 e mais R\$ 20 por embalagem contaminada. Já aqueles que entregaram acima de 15% das embalagens sem ter feito a tríplex lavagem pagarão multa de R\$ 1.000 mais R\$ 20 por embalagem. Antes desta medida, o critério para a punição dos produtores era subjetivo e variava de acordo com a avaliação de cada escritório regional do órgão. As multas também eram mais pesadas, pois eram as mesmas aplicadas às empresas infratoras.

Esse trabalho de logística reversa de embalagens de agroquímicos envolve várias entidades e órgãos de governo. Quando o produtor encaminha suas embalagens vazias a uma central ou posto de recebimento, esse material é avaliado para verificar o percentual de embalagens em desconformidade com a legislação e a partir disso é feito um relatório que é encaminhado ao Instituto das Águas do Paraná. O instituto então reúne estas informações e encaminha ao IAP, que autua as infrações.

Dessa forma, os critérios da nova portaria também poderão ser

aplicados àqueles que entregaram as embalagens antes da publicação da portaria e ainda não receberam nenhuma notificação ou auto de infração do IAP. De acordo com o órgão ambiental, o produtor rural autuado terá todos os direitos estabelecidos em lei, 20 dias para apresentar defesa, recurso da multa em segunda instância (na Secretaria de Estdo do Meio Ambiente) com desconto no valor de pagamento à vista.

Segundo o diretor técnico da Associação Norte Paranaense de Revendedores de Agroquímicos (Anpara), Irineu Zambaldi, responsável pela unidade de recebimento de Cambé, a nova portaria ajudou a tornar as regras mais claras. “O IAP estava numa situação em que não tinha parâmetro legal para aplicar as multas”, diz. Na sua opinião, o número de produtores que entregam embalagens vazias sem a correta lavagem é muito pequeno.

Os novos critérios para a aplicação das multas foram criados com base em um levantamento dos relatórios de entrega de embalagens vazias na região dos Campos Gerais, que envolveu cerca de 700 produtores rurais. Segundo o IAP, aproximadamente 15% das entregas estariam com um percentual de embalagens sujas acima de 6%, sendo, portanto, passíveis de multa.

Para o presidente do Sindicato Rural de Ponta Grossa, Gustavo Ribas Netto, definir um parâmetro na aplicação de multas foi um avanço na legislação, mas ainda não é o ideal. “Ainda é subjetivo, afinal o que é considerado uma embalagem suja?”, questiona. Na opinião do dirigente, o caminho correto para evitar acidentes e contaminações com agroquímicos é a capacitação dos produtores. “A política de penalização é o jeito errado de educar. O produtor entrega a embalagem vazia e leva uma multa. Na próxima vez ele pode pensar em não entregar”, pondera.

Segurança

Dentro da propriedade rural, as embalagens vazias podem ser armazenadas no mesmo galpão destinado ao armazenamento das embalagens cheias, respeitando algumas orientações:

- Não armazenar as embalagens junto com alimentos ou rações. Certificar-se de que as embalagens que foram adequadamente lava-

das estão com o fundo perfurado, evitando assim a sua reutilização.

- O uso da caixa de papelão original dá melhor condição de armazenamento e, posteriormente, as embalagens lavadas podem ser guardadas numa caixa à parte ou na própria caixa de papelão.
- As embalagens lavadas devem estar separadas das embalagens não lavadas.
- As embalagens deverão ser armazenadas com suas respectivas tampas e rótulos e, preferencialmente, dentro da caixa de papelão original (caixa de embarque).

Onde entregar

Quando o produtor adquire o agroquímico, deve constar na nota fiscal do produto o endereço de uma central ou posto de recebimento mais próximo para ser encaminhada a embalagem vazia. De acordo com o IAP, existem no Paraná 13 centrais de armazenamento e 50 postos de recebimento de embalagens.

Mais informações sobre o local mais próximo para o recebimento de embalagens vazias de agroquímicos você encontra no site do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias no endereço: <http://www.inpev.org.br/index>

Destinação correta

A tríplice lavagem (descrita na ilustração abaixo) é a regra para quase todas as embalagens rígidas, exceto no caso dos produtos para tratamento de sementes, que não devem ser lavadas nem perfuradas, apenas tampadas e acondicionadas na própria caixa de embarque. No caso das embalagens flexíveis (sacos, pacotes), também não deve ser feita a lavagem. Após esvaziar completamente essas embalagens, elas devem ser guardadas em uma embalagem de resgate fechada e identificada.

Tríplice Lavagem



Ilustração: INPEV

Seguro rural em debate

Evento com os maiores especialistas país ocorre em agosto em Curitiba.



No dia 8 de agosto, Curitiba sediará o maior evento nacional sobre seguro agrícola. O Fórum pretende debater o futuro do seguro agrícola no Brasil e conta na programação com os maiores especialistas do assunto, seguradoras, resseguradoras, representantes de produtores, cooperativas, do governo federal e dos Estados de São Paulo e Paraná. O evento ocorre no auditório do hotel Victoria Villa.

O objetivo é debater com a equipe da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) as políticas que dão sustentação ao seguro rural, discutindo suas dificuldades e desafios no âmbito dos governos estaduais e federal.

O clima e o preço têm sido os principais fatores de risco para a produção rural. Ao contratar uma apólice de seguro agrícola o produtor pode minimizar suas perdas ao recuperar o capital investido na sua atividade agropecuária.

Em 2014, melhor ano do seguro agrícola no Brasil, a contratação de 117.600 apólices cobriu uma área agrícola de 9,91 milhões de hectares com importância segurada de R\$18,5 bilhões. O resultado não se repetiu em 2015 devido às restrições orçamentárias do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural, coordenado pelo Mapa.

A entrada no Fórum é gratuita, mas as vagas são limitadas. Segundo os organizadores do evento, faltando um mês para o Fórum, há poucas vagas a serem preenchidas. É preciso fazer inscrição pelo site <http://www.sistemafaep.org.br/servicos/forum-nacional-seguro-rural>.

Programação

No período da manhã, o evento terá abertura do Secretário de Política Agrícola do MAPA, Neri Geller. Em seguida as apresentações ficam por conta do Banco Mundial, MB Agro Consultoria, SPA/Mapa e das secretarias de Agricultura de São Paulo e Paraná. Os participantes também assistirão a uma apresentação sobre as tendências climáticas antes da abertura dos debates.

Para o período da tarde, foram reservadas palestras que tratam do funcionamento das diferentes modalidades de seguro agrícola para grãos, florestas, hortifrúti e pecuária. Os participantes terão a oportunidade de conhecer as formas de contratação de seguros, cálculos de indenização e a operacionalização dos seguros de renda ou faturamento.

A promoção do evento é uma iniciativa do Sistema da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Sistema FAEP); Federação Nacional de Seguros Gerais (FenSeg); Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Sistema das Organização das Cooperativas do Paraná (Sistema OCEPAR).

Um termômetro da safra

Comissão de Cereais discute desenvolvimento das culturas e faz balanço de perdas



Produtores rurais e representantes da Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas da FAEP se reuniram no dia 18 de julho em Curitiba, na sede da entidade. A normativa de classificação de soja, o mercado de commodities agrícolas, o clima, o manejo dos percevejos e impactos no sistema de produção milho-soja foram os principais temas abordados durante a reunião.

Os produtores também apresentaram relatos sobre a atual conjuntura de plantio e colheita no Paraná. Em Londrina, em torno de 60% da produção de milho safrinha foram comprometidas devido às geadas que ocorreram no mês passado. Na região Sul do município, as perdas foram ainda maiores, cerca de 80%.

As áreas destinadas às culturas de trigo e cevada também en-

colheram na região de Guarapuava por causa dos preços e frustração de safras. Por outro lado, as culturas de batata e cebola cresceram nesta última safra.

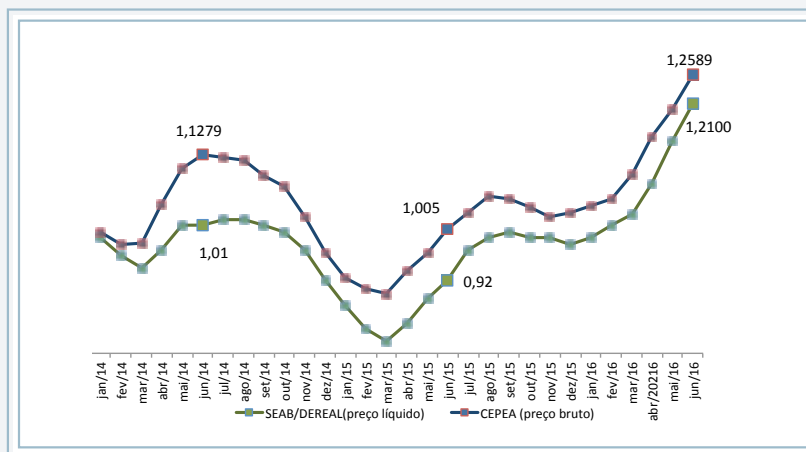
A região de Castro poderá ter quebra na produção de trigo como ocorreu com a soja, que registrou queda de 15% na última safra, devido ao clima. O feijão deve sofrer quedas ainda mais acentuadas: as perspectivas são de safra 40% inferior na comparação com a anterior.

Em Umuarama, no Noroeste paranaense, a situação da soja é semelhante, com estimativa de quebra de 15%. Além disso, as pastagens foram prejudicadas pelas geadas e muitos pecuaristas encontram dificuldades para alimentar os bovinos na região.

Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

RESOLUÇÃO Nº 07/2016

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 19 de julho de 2016, na sede FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em junho de 2016 e a projeção dos valores de referência para o mês de julho de 2016, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JUNHO/2016

Matéria-Prima	Valor Projetado em junho/2016	Valor Final junho/2016	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,1756	1,2539	0,0783

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JUNHO/2016 E PROJETADOS PARA JULHO/2016

Matéria-Prima	Valores Finais junho/2016	Valores Projetados em julho/2016	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,2539	1,4339	0,1800

(* Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural

Observações: Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada "Leite PADRÃO", que se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas /ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de junho de 2016 é de **R\$ 2,7076/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.conseleitepr.com.br

Curitiba, 19 de julho de 2016

WILSON THIESEN Presidente | **RONEI VOLPI** Vice - Presidente

Um grupo para discutir o seguro rural

No último dia 15 de julho, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) publicou a Portaria nº 36, que institui um Grupo de Trabalho para discutir e propor novas alternativas para o aprimoramento da atuação do governo federal no âmbito do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). O Grupo será composto por vários órgãos e entidades, entre elas, a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), que será representa-

do pelo economista Pedro Loyola, coordenador do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

No dia anterior à publicação da Portaria, dia 14 de julho, a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) promoveu audiência pública para avaliar o seguro rural. Loyola foi um dos convidados para participar do evento, como representante da CNA. Durante a audiência, ele afirmou que a cobertura do seguro vem caindo nos últimos anos, com os cortes de recursos do governo federal. Segundo o economista, apenas 10% das áreas plantadas no país estão protegidas contra perdas decorrentes de fenômenos climáticos adversos.



A verdade sobre o leite

As vacas precisam ser ordenhadas diariamente, de duas a três vezes por dia, o que significa que todos os dias do ano, sejam eles dias úteis, finais de semana ou feriados, seguem uma mesma rotina nas fazendas leiteiras, para que não falte leite na mesa dos consumidores.

Essa é parte da explicação de como as vacas são criadas do site www.bebamaisleite.com.br, desenvolvido por um grupo de mães e médicas-veterinárias de Minas Gerais. O objetivo do site é apontar o excesso de informações erradas acerca do consumo de leite, especialmente na alimentação de crianças.

O site também oferece receitas de pratos que contêm leite, informações sobre os benefícios do consumo para as crianças, pesquisas científicas, artigos e curiosidades. Acesse: www.bebamaisleite.com.br

Reforço na Emater

O governador Beto Richa assinou no dia 19 de julho decreto de nomeação de 143 profissionais para o quadro do Instituto Emater. Com os novos engenheiros agrônomos, de pesca, de

alimentos, de segurança e florestal, além de médicos veterinários, zootecnistas e técnicos agrícolas, a empresa reforça sua atuação e amplia o suporte à produção agropecuária do Estado. As últimas contratações para o Instituto Emater haviam sido feitas em 2009.

Consumo de moluscos liberado

A produção, extração, venda e consumo de ostras, mariscos, mexilhões, berbigões e vieiras cultivadas no litoral do Paraná estão liberadas desde a semana passada. A comercialização dos

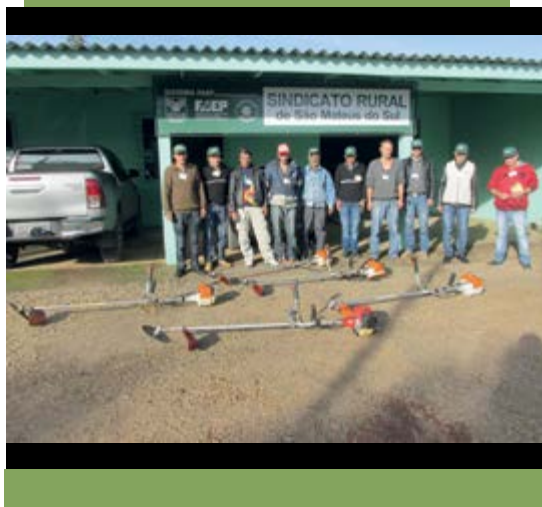
moluscos estava proibida desde o fim de junho, em razão do fenômeno conhecido como “maré vermelha”, que contamina os moluscos e, após consumo humano, pode causar vômito, diarreia e dores abdominais. A liberação ocorreu após novos laudos laboratoriais realizados pelos órgãos estaduais responsáveis e que não acusaram a presença da toxina na água.

São João**JAA**

O Sindicato Rural de São João realizou no dia 8 de junho uma palestra com o gerente técnico da Coasul-Cooperativa Agroindustrial, Paulo Roberto Fachin, para alunos dos grupos do JAA de Vila Paraíso e do Colégio Tancredo Neves. O tema da palestra foi o cooperativismo.

Astorga**Colhedora Tangencial**

O Sindicato Rural de Astorga promoveu, entre os dias 8 e 10 de junho, o curso Operação e Manutenção de Colhedoras Automotrizes – colhedora tangencial – NR-31. Participaram 16 pessoas com o instrutor Newton Cardoso da Silva.

São Mateus do Sul**Roçadeira**

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul, em parceria com o SEBRAE, realizou nos dias 8 e 9 de junho o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Roçadeiras - Roçadeira profissional. Participaram nove pessoas com o instrutor Emerson Massoqueto Batista.

Ivaí**Fumo**

O Sindicato Rural de Ivaí realizou nos dias 13 e 14 de maio, em sua extensão de base em Guamiranga, o curso Trabalhador no Cultivo de Fumo - Manejo Conservacionista de Solo. A iniciativa contou com parceria da Souza Cruz S/A. Participaram 10 pessoas com o instrutor Luiz Sergio Krepki.

Coronel Vivida



Nova Diretoria

O Sindicato Rural de Coronel Vivida empossou no último dia 18 de junho sua nova diretoria, que comandará a entidade até junho de 2019. O presidente é Cleverson Mattei, o vice-presidente, Silvio Luiz Marcolina, o secretário Nely Giordani e tesoureiro Claudinei Bodanese.

Rio Azul



Doces

O Sindicato Rural de Rio Azul, em parceria com a Emater, realizou nos dias 8 e 9 de junho o curso Conservação de Frutas e Hortaliças - geleias, doces de corte e doces pastosos. Participaram 17 pessoas com a instrutora Marilsa Simone Retzlaff.

Campina da Lagoa



Leite

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou em sua extensão de base em Altamira do Paraná, entre os dias 16 e 21 de maio, o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite - Manejo e Ordenha. Participaram 11 pessoas com o instrutor Marcos César Pereira. Também no dia 19 de maio foi realizado um seminário sobre Qualidade do Leite, do qual participaram 38 produtores.

Bandeirantes



Aplicação de Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Bandeirantes realizou entre os dias 1º e 3 de junho o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 15 pessoas com o instrutor Antonio Felipe Domansky dos Reis.



Idade

Sabe por que o Roberto Carlos é rei?
É porque no show dele, só vai coroa...

Veneza e o mar

Considerada uma das maravilhas arquitetônicas do mundo, a cidade de Veneza nasceu de uma necessidade militar. Acossados por invasores do Norte da Europa, habitantes da região do Vêneto fugiram para um complexo de ilhas na costa do Mar Adriático, onde podiam se defender melhor. No começo, levantaram palafitas, depois foram aterrando as lagunas e formando barragens para expandir a ocupação. A cidade atingiu seu máximo esplendor entre os séculos XII e XV, quando era uma das potências comerciais da época e era sede da “Sereníssima República”. Hoje, luta para não afundar – literalmente. Estudos recentes mostram que os edifícios estão sendo engolidos pelas águas à razão de dois milímetros por ano.



Cresceu...

Era um menino tão mau
que só se tornou radio-
logista para ver a caveira
dos outros.



Famintas

Por incrível que pareça, não são poucos os vegetais que retiram parte dos seus nutrientes da captura de insetos – as conhecidas plantas carnívoras. Os cientistas contam 583 espécies desse tipo, além de mais de 300 que são chamadas de “protocarnívoras”, que têm alguma característica semelhante a elas.

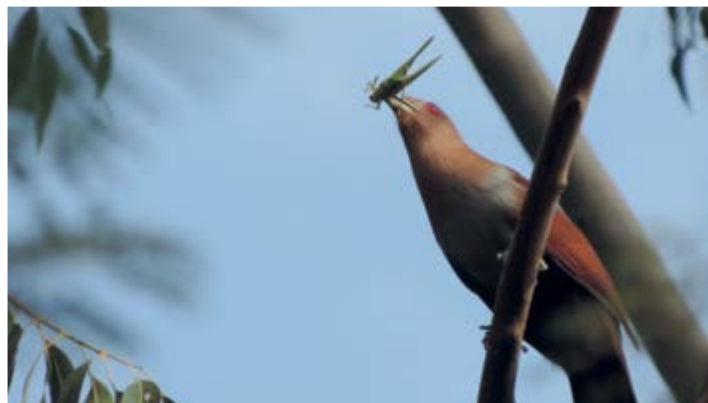
A maior carnívora conhecida tem o nome científico de *Nepenthes rajah*, e é nativa da Malásia. A armadilha com que pega suas presas pode chegar a 40 centímetros de profundidade, que lhe permitem capturar inclusive pequenos mamíferos e lagartos.



Bonés ao vento!

Levantamento do Instituto Simepar, de 2012, apontou quais são os municípios paranaense onde mais venta. A pesquisa levou em conta a velocidade média dos ventos nas estações de medição, com sensores instalados a dez metros de altura. A campeã foi Apucarana, a capital brasileira da indústria de bonés, com uma média de 4,1 metros por segundo. Completam o pódio Cascavel (4 metros por segundo) e Clevelândia (3,7 metros por segundo).





Alma de gato

A Maria Regina é de Ribeirão do Pinhal, mas foi em Abatiá que ela flagrou o pássaro da foto, um alma de gato, com um gafanhoto no bico. Bela imagem!

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



Adolescentes diferentes

Joana d'Arc tinha 17 anos quando liderou o exército francês na batalha de Orleans.

Bobby Fischer tinha 15 anos quando se tornou Grande Mestre de xadrez.

Louis Braille também tinha 15 anos quando inventou o método de leitura para cegos que leva seu sobrenome.

Mary Shelley tinha 18 anos quando escreveu sua obra prima, a novela de horror Frankenstein.

A origem do gandula

Todo boleiro sabe quem é o gandula: a pessoa (normalmente um rapaz) que fica nas laterais, sempre a postos a devolver a bola aos jogadores para a cobrança de arremessos. Mas poucos sabem de onde vem essa expressão.

Gandula (ou Gandulla) era um nome próprio. Bernardo Gandulla foi um jogador famoso em sua época, chegando a defender a seleção argentina. Em 1939, o atacante foi contratado para jogar no Vasco da Gama, mas uma trapalhada dos cartolas fez com que não fosse registrado a tempo. Assim, não podia jogar. O aplicado futebolista, no entanto, queria ajudar seus companheiros de time e ficava ao lado do campo, ajudando os colegas a repor a bola. Gandulla ficou só um ano no Rio e voltou para a Argentina, onde se consagrou no Boca Juniors. Seu nome ficou.



Prepare o lenço!

O jornal britânico Daily Mail fez uma pesquisa com mais de 3 mil internautas para saber qual é o filme que mais faz as pessoas chorarem. O vencedor, veja só, foi um desenho animado infantil. Veja os três primeiros:



1º - Bambi (1942)



2º - Ghost – Do outro lado da vida (1990)



3º - O rei leão (1994)



A poção da memória

No tempo que as cidades do interior eram supridas por mascates que andavam a cavalo ou mula levando seus produtos, um desses viajantes chegou a uma hospedaria para passar a noite. Deixou sua carga do depósito e pediu à dona que lhe preparasse uma refeição.

Enquanto estava na cozinha, a mulher olhou para o depósito e viu os pesados sacos do viajante. Um pensamento passou pela sua cabeça: por que ficar só com um pouco de dinheiro, se podíamos ficar com tudo?

Ela não queria fazer mal ao viajante, mas não conseguia pensar em outra coisa. A certa altura, disse para o marido:

— Este homem vai passar a noite aqui. Não seria bom se a gente ficasse com as mercadorias dele? Podíamos até abrir um comércio! Mas como podemos fazer isso sem que ele perceba?

— É simples — disse o homem, que tinha um pouco de curandeiro e conhecia um tanto sobre plantas e poções. — Coloque um ramo daquela erva chamada “mega” na comida dele. Todo mundo que come dela perde alguma coisa da memória. E o que um mascate iria esquecer? É claro que vai esquecer sua mercadoria!

Assim ela fez. Misturou a planta picada na janta do mascate. Ele comeu tudo, agradeceu e foi para a cama.

Bem cedo, na manhã seguinte, ele foi-se embora. Quando a dona da estalagem levantou, foi direto até o depósito. Encontrou-o vazio e saiu para procurar o marido.

— Que ideia idiota essa da planta — ela esbravejava. — O homem levou toda a carga, não esqueceu nada!

— Não pode ser, essa erva nunca falhou — ele disse. — Deve ter esquecido outra coisa, então.

— Não ficou nada aqui! — gritou ela.

— Pensa! Com certeza ele não lebrou de alguma coisa!

A estalajadeira começou a pensar. O que mais o homem poderia ter esquecido? De repente, bateu na própria testa e disse:

— Ele esqueceu de pagar a conta!

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / / _____
Em / / _____ Responsável

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br